

PERIODICO DOS POBRES

Publica-se ás Terças, Quintas e Sabbados (não sendo dia santo.) Vende-se no escriptorio do Editor A. M. Morauo, rua do Ouvidor N. 158.

PREÇO DA ASSIGNATURA.
Por tres mezes 1\$800 Rs.
Avalso 40 —
Annuncios por linha 40 —

ADVERTENCIA.
Accepta-se qualquer artigo gracioso e critico (gratis) não sendo politico ou offensivo, os artigos com urgencia, pagarão 40 réis por linha.

N. 121.

RIO DE JANEIRO, 23 DE OUTUBRO.

ANNO II.

VISITA DAS PRIMINHAS.

Está em casa a Illm^a Sr^a D. Garga branca?
— Está sim minha Andorinha, pôde entrar. Então ainda lhe lembra a brincadeira d'outro dia, priminha?
— Ora se me lembra; algumas das nossas camaradinhas é que se zangarão de as compararem com os passarinhos.
— A zanga ha-de lhe passar, são brincadeiras que não fazem mal.
— Então diga-me, já sabe das satisfatorias noticias de Montevidéo?
— Olá se sei, e estou bem contente. O primo escreveu-me e se recommenda muito.
— Dou-lhe os parabens, priminha, bastante cuidado tambem tenho tido, só por me lembrar que algum balasio, dos janizaros de Rosas, o mandasse para o outro mundo; porém Deos ouviu as minhas orações, e felizmente a nossa tropa não entrou em fogo; e se entrasse os nossos ião-lhe com vontade. E' verdade que alguns morrerião, porque ellas não trazem sobrescripto...
— Assim foi melhor, priminha, muitas familias sentirião a falta desses bravos que por lá ficassem, e quantas viúvas chorarião a esta hora por seus maridinhos! Foi mesmo por Deos, o não haver ataque, e entregar-se o tal carrasco Oribe, antes das forças se approximarem a

FOLHETIM

A COMPANHIA ITALIANA. — A *Somnambula*, e a *Lucia* — AS COMPANHIAS NACIONAES. — O *Bahiano na Corte* e o *Ermitão na Serra de Cintra*.

Não era justo que depois dos ricos jornaes desta cõrte terem publicado os seus folhetins theatraes, o *Periodico dos Pobres* não se saffasse tambem com o seu folhetim-zinho, ácerca d'aqui lo que hoje é a ordem do dia; com a differença porém de que se essas habeis pennas, que tão primorosamente escreverão os folhetins do *Jornal*, *Mercantil*, *Diario*, etc., só fallarão do que era italiano, esquecendo-se de tudo quanto era cá deste solo *que nos vio nascer*; os pobres que muito ama aquillo que é de cá, fará um additamento ao theatro italiano com o que se tem passado pelo theatro nacional.

A anciedade publica tinha tocado ao seu auge para ouvir os novos artistas que tantos contos de réis custão ao nosso theatro; e foi por isso que a noite de 15 foi saudada alegremente pelos verdadeiros *dilletantis*, que apesar do cambio da Commissão Directora, encherão a sala de S. Januario, toda tocada como uma noiva no dia de suas nupcias! Todos quzião ver e ouvir a prima dona, que é sempre o brilhante de uma Companhia; todos quzião ellogiar ou sensurar ao Sr. Dionisio pela

elle. Agora estarão as nossas tropas em quartéis; segundo diz o *Diario*, transcrevendo uma carta particular.

Lê se n'uma carta particular vinda do Cerro, datada de 8 de outubro, o seguinte:

« A' uma hora da tarde, officiou o nosso encarregado que podia a força brasileira voltar a quartéis por haver Oribe proposto capitulação.

« Hoje á uma hora da tarde salvarão as linhas da cidade, a guerra que por espaço de 8 para 9 annos assolava este paiz, está finalmente terminada! Oribe entregou toda a sua gente a Urquiza, tentando porém fugir em um bote, foi preso por seis soldados dos seus, e se acha no Cerrito. Alguns chefes fugirão; sen lo nesta occasião morto um dos fugitivos pelos seus soldados que vendo-os embarcar, dispararão as armas sobre o bote.

« Por aqui diz se que Urquiza concordára com os representantes das potencias alliadas, conservar a vida e os bens, não só de Oribe, como dos outros chefes.

« Não se pôde descrever o contentamento de que se achão possuidos todos os habitantes de Montevidéo! as ruas achão-se apinhadas de povo. Por toda a parte em fim reina a alegria: a cidade illuminou-se

« Eis como terminará uma guerra que em começo promettia rios de sangue, e juncar o campo de cadaveres! »

— Não sabe quanto estou contente; porém o diabo do tal Rosas...

boa ou má aquisição que fizera para o nosso theatro. E foi por isso que o theatro encheu se; foi por isso que nas noites de 15 e 19 uma brilhante concorrência assistia ao extreamento de alguns artistas. A Sr.^a Zichinni, e os Srs. Laboceta, e Lucio De Lauro debutarão nessas noites.

Quem ouviu cantar a Sr.^a Zichinni na primeira noite não pode desde logo formar uma opinião scertada do seu merecimento, e ainda que ella na *Somnambula* se tornasse admiravel, vencendo difficuldades na execução d'aquillo que Bellini escreveu, sobretudo nesse dueto, novo para nós, e que nunca aqui foi cantado; comtudo apenas se conhecia ella pelo papel de Amina, e necessario era novas partituras para se aquilatar todo o grão de seu merito. Com a *Lucia de Lamermoor* a Sr.^a Zichini já ganhou mais partidarios. A desventurada Lucia cantou divinamente, e desde logo conhecemos que era uma artista que pisava o nosso palco. O final do segundo acto, a cavatina do primeiro, e o rondó final forão executadas pela Sr.^a Zichinni perfeitissimamente.

Esta senhora tem uma voz harmoniosa e sympathica. Sobe encantadoramente, e dá os agudos com summa facilidade. Será ella de menos merito que a Sr.^a Ida Edelvira? Estará esta muito acima? Só o tempo nos poderá vir dizer alguma cousa para estas comparações. Esperemos a execução de mais algumas peças para então emitir-mos um juizo franco.

O Sr. Laboceta é um tenor de elevado merito; e todos concordão que entre nós é o primeiro que tem pisado a scena. Seu semblante simpatico muito hade contribuir pa-

— Provavelmente fará o mesmo que Oribe; é impossível que elle se sustente só com a força que tem, e essa mesma descontente. Antes do fim do anno teremos tudo acabado.

— Deos a ouça priminha.

— A minha opinião é hoje a de muita gente; lá pela baixa não se falla em outra cousa. Veremos as noticias que traz o Paquete.

— Então já foi hoje á baixa, priminha, você passeia muito, até onde foi?

— Até á Prainha, saber se me chegou o barco com café. Na volta vim pela rua da Quitanda, e parei na esquina do becco de Bragança, para ver o rico estabelecimento da fanilaria, pertencente ao Sr. Caruncho. Na verdade é um dos melhores que tenho visto, pela boa ordem e sortimento que ali existe; tambem vi o trabalho escravo substituido por braços livres, os operarios todos erão brancos, e que moços tão desembarçados, fez me lembrar o tempo a que havemos chegar de se fazer todo o trabalho por homens livres.

— Mas elle tinha bastantes escravos, priminha?

— E ainda os tem, mas não ali no estabelecimento, você não sabe que as obras assim ficarão mais perfeitas? O escravo trabalha é verdade, mas não com tanto gosto como o homem livre, que trabalha para si. Emfim vou contar-lhe o resto do meu passeio. Se havia caminhar pela rua da Quitanda, metten se me o diabo na cabeça ir pelo Becco de Bragança, nunca eu por ali fosse....

— Cruzes! você assusta-me, alguma desgraça aconteceu, não é assim? então o que foi?

— Nada menos que uma queda, de que tive dó, forte desmazello em que está aquelle becco; priminha, se você visse, se havia admirar, tem buracos oh que buracos! por causa delles, vi cabir um pobre homem que olhava para uma janella donde pingava agua. Que pragas choverão então contra o fiscal de Santa Rita, uns dizião — que fiscal tão descuidado — outros a Ilm.^a é que tem a culpa consentil o porque já se lhe fez ver o máo estado do becco por muitas correspondencias, — outros aconselhavão o homem que requeresse á Ilm.^a, e mostrasse o tornozello ainda agravado, — emfim era um inferno, e o pobre do homem só dizia: — paciencia, pagamos á Illustrissima até para levar trambalhões, se isto fosse objecto de multa, como os guardas fiscaes não estarião já aqui ás voltas comigo para receber.. ai.. ai... e lá se

ra elle ser o mimo das affeições publicas: tem voz doce e harmoniosa, e sobre tudo arte. Tanto no papel de Elvino na *Sonambula* como no Edgar na *Lucia de Limermoor* estava divino. A ultima aria da *Lucia* — *Tu che al Dio* arrebatou a quem o ouviu; o Sr. Laboceta com a summa habilidade de um perfeito artista, arrancou applausos e fez muitas lagrimas se derramar.

O Sr. Lucio De Lauro tendo cantado sómente no dia 19 na parte de Enrico na *Lucia*, ainda não pode bem mostrar o que era. Tem bonita figura, seu semblante não é dos mais feios, contudo na sua voz ha um não sei que, que incommoda, e que não agrada tanto, além disso o seu acionado é um pouco exagerado. Esperemos mais por algumas representações.

O que diremos das taes bailarinas que tem apparecido? Na verdade não sabemos donde o Sr. Dionisio foi desencaivar essas figurinhas a quem absolutamente deu contractos de primeiras bailarinas!! A julgarmos pelas que tem visto a luz da noite scenica, a Sr.^a Baderna é a rainha de todas! As taes desgraçadas bailarinas desde a Sr.^a Bertani até á esquisita Sr.^a Damiani, são pessadissimas para baillarem; e parece-nos que a Sr.^a Mollo faria melhor uma pirueta do que essas improvisadas bailarinas do Sr. Dionisio. Com o tempo irão apparecendo as mais masellas desse senhor que foi á Europa passear e divertir-se á custa do nosso thesouro.

Basta Sr. folhetim de tagarellar dos italianos, vamos tambem dizer alguma cousa dessas duzas companhias na

foi andando encostado a uma bengalla. Do resto nada mais soube.

— Pobre homem. Iria elle mostrar o tornozello ao fiscal, priminha?

— Não lhe posso dizer, veremos se por estes dias se mandão tapar os buracos. Se os taparem, já se sabe que o homem que levou o tombo, é a quem os moradores devem esse beneficio. E' preciso haver um mal para vir um bem; forte desgraça!...

— E' verdade, priminha, sabe o que andão por ahi a dizer — que a agua das bicas das esquinas, tem posto em revolução muita barriga, será dos encanamentos?

— Tambem ouvi dizer o mesmo, e se não é boato dos carroceiros, estamos muito mal. Bem faço eu, que a quero só da Carioca; com esta scisma já muitas pessoas a não tem bebido, e só a querem para lavar.

— Era o que faltava depois de se ter gasto tanto dinheiro e haver tanto incommodo, não servir a agua senão para lavar!

— Experimente, priminha.

— É a minha barriga se padecer?

— Ora não tenha medo, se assim fosse, já teria havido providencias; quem sabe se os aguadeiros inventarião isso, para não se acabar com as carroças?

— Seja o que for, cautella e caldo de galinha, nunca fez máo ao doente. Vamos nós lêr a explicação dos sonhos.

— Sim, sim, priminha, veremos se o author combinou as suas idéas com um que tive esta noite, ora vá lê-lo:

Taboada da buena dicha dos sonhos.

Quem sonha com pão de Lot está para ter herança ou porção de dinheiro

Quem sonha com flores está para ter visitas ou hospedes de cerimonia.

Quem sonha com chifres está para morrer e ir para o inferno.

Quem sonha com rabo de gato está para ter dôr de barriga.

Quem sonha com abobora vermelha está para ter hydropesia ou erysipela

Quem sonha com Perú está para ter despacho de diplomacia.

Quem sonha com barril está para tomar bebe leira.

Quem sonha com estudante está para soffrer logro.

Quem sonha com musico está para ter indigestão

cionaes que nós temos; não vamos agora esquecer os nossos por causa dos estrangeiros.

Principiaremos pela Companhia de S. Januario que abriu seus trabalhos no dia 16 com a representação da comedia nacional *O Bahiano na Corte*, composição, segundo alguns, do seu proprio ensaiador e empresario. A comedia é uma bella composição ornada de musica do Sr. Noronha, tirada esta, tudo o que fica são habuseiras que por muito usadas perdem o merecimento. Ha alguma originalidade principalmente na briga dos gallos e na existencia do Bahiano; tudo o mais perde por já ser sedição de mais. O fado com que termina o segundo acto, faz com que elle morra insensivelmente, é muito sentida a falta do choro como nos mais actos. Contudo devemos confessar que a Comedia em si agrada e agrada muito; ha bastante propriedade dos nossos costumes, e estes achão-se em tal gráo de exaggeração, que se obra de estrangeiro fora o *Bahiano*, não passaria sem uma lição mestra, todavia temos convicção de que seu autor não nos quiz ridicularisar.

Tambem na Companhia nacional houve a sua estreia, tambem o publico ancioso esperava pela noite de 16, para ver e ouvir uma joven fluminense, que, sahida do seio de sua familia, tinha de encetar vida artistica. E quem não encher a de flores o caminho que tinha de ser trilhado por esse novo astro que acabava de raiar?

A Sr.^a Rosina Augusta de Souza, é uma joven principiante dotada de genio e talento. Sua voz timida bem demonstrou de quanto era capaz. Sua declamação pura

Quem sonha com freira está para ter presente.
 Quem sonha com trovoadas está para ficar destemperado.
 Quem sonha com piloto está para fazer viagem á Costa d'África.
 Quem sonha com alcatrão está para ter má noticia.
 — O' gentes, já é tarde, basta de tagarellice. Adeus priminha. Sonhe com o rabo de gato.
 — Deixe estar caxorrinha, que eu cá apanharei.

VARIÉDADES

Especulação de certos pais de familia industriosos.

Tomar medico por compadre para ter visitas de graça.
 Convidar logistas para tomar chá, a fim de não levarem dinheiro pelo que se compra.
 Exagerar as habilidades das filhas para ver se assim as embutem em casamento aos papalvos.
 Chamar a mulher para a sala, para o credor se envergonhar de pedir a divida.
 Encaminhar sapatos, e cortes de vestidos aos conhecidos e amigos, e não pedir a conta, por esquecimento.
 Empolhar-se que as filhas cantem, ainda que seja miando, para encantar os toleirões.

Regras de economia,

Remendar sapatos em quanto dura o couro e a sola.
 Andar sempre de preto, para não sujar muita roupa.
 Comprar carne tarde, para achar a barata.
 Usar de sobre casaca, para andar de calças com fundilhos.
 Pentear cabelo molhado, para não gastar pomada.
 Sair a passeio, e ir a casa de amigos deitar cheiros nos lençóis.
 Dar jantar em dias de serviço, para ter pouca gente.
 Ir á missa de madrugada, para poupar a roupa nova.
 Guardar casaca velha, para enterros e actos nocturnos.
 Jantar tarde, para não fazer despeza com a ceia.
 Dormir vestido, para não gastar lençóis.
 Dormir ás escuras, para poupar azeite.
 Deitar-se nú, para não machucar o peito da camisa.

hade sempre agradar, assim deixe ella de dar cauda aos ss; assim preste mais attenção na pronuncia. Seu semblante ainda que não seja a de uma Venus, é contudo encantador e sympathico. Os seus vivos olhos exprimem ternura e amor. Só pedimos a esta joven fluminense que deixe um pouco a affectação que parece dar não só as suas palavras, como mesmo ao seu pizar em scena. Naturalidade e mais naturalidade!

A execução da comedia esteve perfeita. O Sr. Gu não, se bem que no primeiro e no segundo acto desafinasse quando cantava, no terceiro acto fez todas as honras da comedia, nessa scena interessante (e a melhor) do reconhecimento do filho e do pai. A Sr.^a Rosina andou bem; no principio a sua voz tremula bem deixava notar o medo de uma extricia, contudo foi se pouco a pouco animando, e no rondó final esteve excellente. A sua entrada no ultimo acto para patentear a verdade de tudo o que ha passado, esteve muito divina. Ella desempenhou o seu papel perfeitissimamente.

A Sr.^a D. Estella era a velha que imaginou o Dr. Macedo na sua *Moreninha*. Esteve, como se apre, uma artista consumada.

A crioula Generosa, e o pae José comprehenderão as suas partes, mas torna se mais necessario serem melhor caracterisados.

O Sr. Joaquim Augusto, Arêas, Romualdo e todos os mais estiverão bons: a comedia foi bem executada, por que se achava bem ensaiada.

Regallos do rapaz solteiro.

Cruzar as ruas á tarde, só para cortejar as moças conhecidas.
 Ir ao theatro italiano para applaudir as cantoras.
 Offercer o braço a moça bonita, para fazer constar a ventura que teve.
 Andar com roupa feita por alfaiate estrangeiro.
 Cortar o cabelo na casa do *Desmarais*, e receber o troco em pomada.

Baldas da moça solteira.

Dizer que o vestido está largo, quando se lhe gaba a cintura, ou quando se diz que está gorda.
 Ficar arrufada á vista dos namorados.
 Fingir que come pouco, quando está em sociedade.
 Esfregar a cara com as mãos para parecer rosada.
 Andar aos pulinhos para parecer elegante.
 Dizer que quer ter freira, para ver se casa depressa.

Reflexões sobre o beijo.

Não tendo um beijo	Beijo de padre.
Nenhum sabor,	Sabe a linguaça,
Excita n' alma	Não tem doçura.
Grande calor.	Tudo é cortiça.
Tem mais sustancia	Beijo de freira
Que carne assada,	E' leite creme;
Tem mais doçura	Quem goza um d'elles
Que marinellada.	Suspira e geme.
Beijo ás escuras	Beijo de moça
E' bom pastel;	Corada e fina,
Dado em jardim,	Cheira a baunilha,
Favo de mel.	Cheira a bonina.
Quem dá seu beijo	E quem dá beijos
Em velha choca,	N'uma beata,
Come formigas,	Come fritada
Leva taboca.	D'ovos de gata.

Conclusão.

Ha beijos lambidos,	Ha beijinhos d'agua,
Ha outros chupados,	Beijos de vapores,
Ha outros mordidos,	Ha beijos calados
Ha outros mellados.	E outros falladores.

(Extr.)

O Sr. João Caetano dos Santos tornou-se digno de ellogios pelo gosto com que a poz em scena.

E o que diremos agora do *Ermilão da Serra de Cintra*, que tem estado em scena no theatro de S. Francisco? Que é um rico drama? isso todos o sabem. Mas como o desempenharia a companhia desse theatro? Isto é que é necessario indagar. Não achemos de bom senão o drama em si, o rico vestuario, e o bello scenario; tudo o mais cá na opinião *folhetinista* não correu bem. Houve impropriedade de personagens; principalmente em dous Senhores artistas, forão desempenhar papeis fóra do seu character. A não ser o Sr. Florindo e o Sr. José Candido, estamos convencidos que a esta hora o pobre *Ermilão* jazeria na terra da verdade!.....

O portuguez do drama não é tão castigado como o do nosso hom *Frei Luiz de Souza*; é todavia escripto n'uma linguagem pura. E pena foi que essa linguagem tão bella de se ouvir, fosse estrangulada por *alguem*.

O *Ermilão* é grande demais para o theatro de S. Francisco, que é por demais pequeno para estas e outras composições.

Muito bem; temos completado nossa tarefa. Não se diga por ahí que o *Periodico dos Pobres* não é *folhetinista*. Lá vai um folhetim da melhor maneira que se poudo. Se *alguem* se queixar de algumas das nossas reflexões, não tem razão, porque tudo quanto vimos de dizer é a opinião do

José Flíz.

Vai a quem toca.

Certo joven mui galante
E que merece muita attenção,
Em um dia do mez de junho
Foi convidado p'ra uma função.

Era um baile de espavento
Onde ouve bella reunião,
Foi uma noite de delicias
Para o nosso maganão.

Havia lindas deidades
E bonitas sinhasinhas,
Entre ellas havia uma
Que se chamava Mariquinhas.

O nosso galante tiful,
Que é rapaz de bom tom,
Jurou logo amal-a, e,
Zaz, atravessa lhe o coração.

Desde esse tempo para cá
Bellas cousas se tem passado,
Appareceu um novo amante
E o tiful anda zangado.

Um dia em S. Clemente
A certa chacara foi passar,
Encontrou o objecto amado
E sem mais poz-se a chorar.

Pedem-lhe provas de seu amor
Elle em versos as mostrou,
Mas uma noite desesperado
Com os dentes as rasgou!

No outro dia que se seguiu
De luto foi o seu trajar,
Passou vida amargurada,
De continuo a suspirar,

Mas o homem já cansado
De tanto e tanto amar,
Empenha-se por toda a parte
E quer por força se casar.

De todos os meios se serve
Para a mão da moça pedir,
E se tal não consegue
Tenciona da côrte fugir.

Já não quer mais viver
Diz que se vai matar,
Sem ella não pôde viver
Sem ella não pôde passar.

Jura-lhe sacro e puro amor
Não a conhece por perjura,
E na força de sua paixão
Eterna fé aos Ceos lhe jura.

Os capotes cahem-lhe em cima,
Agoura lhe um bom futuro,
Arrancão-lhe o paletó mesclado
E por fim fazem-lhe um fero.

Mas o nosso maganão que
Não é desses de se zungar,
Não dá palha aos patuscos
E jura á força se casar.

Toda a mocinha que elle vê
Muito embora tenha amante,
Lá lhe dá certas voltinhas
Que a faz logo inconstante.

Todo o seu maior prazer
Consiste em tirar um lance,
Em sabendo onde ha namoro
Lá vai elle em seu alcance.

Mas o melro hade aprender
Inda hade dar o cavaquinho,
Leva por ali alguma tunda
Que dançará o miudinho.

Porém deixe me descansar
Que mais tarde prseguirei
E se houver mais novidade
De prompto lhe contarei.

O Tyb rio.

ADIVINHAÇÃO.

Em uma cova está vestida
Da pelle de outro animal
Uma Leôa escondida,
Que quando quer fazer mal
Deixa a pelle, e sahe despida.
Os primeiros que souberão
De fera desta maneira,
Este vestido lhe derão
De mêdo, e mais lhe puzerão
Reliquias á cabeceira.

CHARADAS

Se o queres conhecer
Vai um pouco viajar,
Embarca-te, vai a Tunes
Que lá o has de encontrar. — 1
Nunca vi joven sem isto;
Velhotel-o .. é mentira,
E se em tal acreditasse
Bem pateta eu seria. — 1

Conceito.

O que deve
Me venha dar,
Escusa zangar se,
Ande pagar.

Já lhe disse...
Escusa esperar,
Vá se safando,
Ponha se a andar.

Se eu fôra tola
Isso faria,
Mas muita gente
De mim riia.

Eu hei de dal o
Ao meu amor,
Que é tão gentil
Qual linda flôr.

J. Tyrseno.

A decifração das charadas publicadas no N. 119 é: — 1.ª Maria — 2.ª Marculino.

A decifração do logogrifo publicado no numero antecedente é: — D. Miguel de Bragança.

ANNUNCIOS.

ADEMIRAVEL MILAGRE

OU

O CASTIGO DE DEOS

contra o homem que disparou um tiro sobre uma Cruz, donde verteu sangue. A explicação é ornada da estampa do desacato; vende-se neste escriptorio por 80 rs.

D. MIGUEL

E A DEFEZA DA PATRIA.

Acaba de chegar do Porto este interessante folheto, contendo artigos que todos devem lêr, mostrando se D. Miguel era ou não rei de Portugal — O desca minho das suas joias em Evora Monte &c. &c. por 500 rs., Ouvidor 158.

ALUGA-SE uma preta para ama de leite, sendo do primeiro parto, a qual é muito sad'a e sabe ensaboar, engommar e tratar d'uma criança; na rua do Sacco do Alferees n. 22.